

O MUSEU DA MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO EM CAMPO GRANDE – A CIÊNCIA A SERVIÇO DA COMUNIDADE

Déa Terezinha Rímoli de Almeida*

Ieda Marques de Carvalho*

Marly Marinho Américo dos Reis*

“Certamente o senhor se lembra de que, no congresso de Geografia, reunido em Veneza em 1880, sob a presidência do célebre Ferdinand Lesseps, foi aprovada unanimamente uma moção que nos dizia respeito, isto é, pedir a Dom Bosco que encorajasse seus filhos missionários a estudar as condições meteorológicas da América do Sul” (ASC A4410561, carta de Dom Lasagna ao Padre Rua, de 1º de julho de 1895).

Voltando à Itália em 1881, Dom Lasagna recebeu de Dom Bosco o encargo de colocar em prática essa proposta. Nasceu daí o Observatório Meteorológico de Villa Colón (Uruguai), o qual, após décadas de relevantes serviços prestados à ciência, à navegação e à agricultura, cedeu lugar ao Observatório Nacional. Patagones, Punta Arenas e outros centros de missão criaram também seus observatórios; alguns duraram pouco tempo, outros chegaram das Missões, em Valsállice (Turim), conforme Guiuseppe Brocardo, “II Museo di storia naturale don Bosco” a Valsallice, in RSS 28 (1996, 181-187). Outros museus semelhantes foram surgindo, dentre os quais lembramos o Museu “Maggiorino Borgatello”, de Punta Arenas (Chile). No presente artigo nos ocupamos do “Museu Dom Bosco”, mantido pela Missão Salesiana do Mato Grosso, em Campo Grande (Mato Grosso do Sul).

* Docentes da Universidade Católica Dom Bosco e membros da Assessoria Técnica Educacional.

INTRODUÇÃO

O Conselho Internacional de Museus – ICOM define como Museu toda instituição permanente, sem fins lucrativos, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa e expõe coleções de objetos de caráter cultural ou científico para fins de estudo, educação e entretenimento. Um museu é um espaço ativo, dinâmico, local de pesquisa e estudos.

Os museus têm sido responsáveis pela manutenção e transmissão de parcela significativa da herança cultural. Esta responsabilidade tem exigido um repensar de suas ações que, quase sempre, têm sido direcionadas na busca de que sejam asseguradas a preservação das coleções e a eficiência comunicativa das exposições e da ação educativa. A superação desses diferentes níveis de atuação depende da visão processual que se deve ter no momento de se “pensar um museu”. O redirecionamento das suas ações exige que sejam estabelecidos dois momentos essenciais: um primeiro que envolve um planejamento institucional e, um segundo, a sua organização interna.

O Museu Dom Bosco vem atuando, através dos tempos, nas áreas científica, educativa e social:

- Científica, enquanto pratica a coleta sistemática, a identificação, organização, interpretação, catalogação, armazenamento, conservação e exposição de peças.
- Educativa, quando procura o despertar e aperfeiçoar a capacidade intelectual, artística, ideológica, cultural, entre outras, conduzindo seus usuários à reflexão sobre a realidade.
- Social, enquanto possibilita o encontro das ações científica e educativa, de forma a promover a compreensão do patrimônio histórico-cultural de seu acervo.

Os responsáveis pelo Museu Dom Bosco, avaliando sistematicamente a dinâmica que lhe tem sido impressa, entendem a necessidade de continuar as investigações em sua área de competência. Isto implica

a programação e execução de projetos que permitam completar, atualizar, interpretar e ampliar o horizonte de suas coleções próprias. Implica também o intercâmbio e colaboração com outras instituições e a divulgação de suas coleções que testemunham sua qualidade científica e seu próprio prestígio.

1. HISTÓRICO

Era o ano de 1948. O Padre Félix Zavattaro persegue uma idéia para a educação: vivenciar os conhecimentos. As aulas e os livros não são suficientes. Ele dizia: “*é preciso um lugar onde os meninos possam ver e comparar*” - um museu de história natural.

A idéia foi crescendo e se espalhando e, tal qual uma semente, foi sendo levada pelo vento e caiu, finalmente, em solo fértil: Campo Grande. Surge, então, em 1951, numa das salas do Colégio Dom Bosco, um pequenino museu, célula mater do que é hoje o Museu Dom Bosco.

Simultaneamente, no mesmo ano, os padres Cezar Albisetti e Ângelo Jayme Venturelli lançavam as bases de uma pesquisa sobre os Bororo, que se concretizou na maior obra etnográfica publicada no Brasil: *Enciclopédia Bororo e Os Bororo Orientais*. Em suas pesquisas, foram recolhendo objetos dos índios a fim de estudos. Foi então que o Pe. Félix Zavattaro decidiu montar coleções que ilustrassem as culturas indígenas, com as quais os Salesianos estavam em contato.

A partir daí, as coleções etnológicas alcançaram grande desenvolvimento, acumulando, à época, um total de 8.000 peças. Em decorrência, o museu começa a ser chamado de “Museu do Índio”.

Em 1976, o Museu foi transferido para o prédio onde se encontra até hoje. Naquela época, assumiu a direção do Museu o Pe. João Falco, que desenvolveu a parte de etnologia e, iniciando a coleção de

vertebrados, buscou diversificar as coleções, recebendo doações de conchas (malacologia), um tesouro vindo da Sicília, na Itália.

Em 1987, ocorre um acontecimento marcante: o Museu teve seu acervo enriquecido com dois mil e quinhentos animais empalhados, a maior parte, espécimes extintas, ou em extinção. É iniciada a coleção de borboletas, que atualmente conta com exemplares dos mais raros do mundo. Dentre as coleções de invertebrados, destaca-se a coleção de insetos exóticos da Ásia e África.

Mesmo não contando, inicialmente, com o apoio de órgãos públicos, a Missão Salesiana de Mato Grosso – MSMT, ciente do benefício que presta à ciência, à educação e à cultura, vem procurando ampliar e diversificar o acervo do Museu Dom Bosco. Ele tem sido repositório de parte do patrimônio sócio-cultural e humano e o testemunho do trabalho de tantos heróis anônimos – os missionários Salesianos, que dedicaram muito de suas vidas à disseminação do espírito científico e cultural.

Toda a fauna está instalada num cenário que reproduz a natureza selvagem, com seus mamíferos, répteis, aves e peixes que despertam, de imediato, o observador para os problemas ecológicos de nossos dias. Espécies raras de águias parecem estar em pleno vôo. Urubus, patos do mato, seriemas, patão mergulhador, pica-pau e muitas outras espécies de pássaros estão ali com suas penas e plumagens originais. Jacarés de todos os tamanhos, onças, lobos, veados, antas, tartarugas, moluscos, fósseis, insetos, conchas de todas as cores e formas e pedras proporcionam aos visitantes uma oportunidade rara de conhecer a magia de toda esta riqueza histórica e cultural.

1.1 O ACERVO ATUAL

O acervo do Museu Dom Bosco, rico e variado, merece ser detalhado para sua maior compreensão e divulgação. Adentrando ao Museu, o visitante tem a oportunidade de observar as coleções, assim dispostas:

I) Paleontologia – com testemunhos fósseis do período Pré-Cambriano ao Holoceno, a Coleção Paleontológica abrange cerca de 2.519 exemplares das Eras Geológicas. Destaca-se o grupo de peixes fossilizados provenientes da Chapada do Araripe, em Pernambuco, e o da Bacia do Paraná, assim como exemplares da Itália, Estados Unidos, Inglaterra, entre outros.

II) Arqueologia – o Museu possui cerca de 458 peças arqueológicas produzidas por algumas das populações que ocuparam parte dos atuais Estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, São Paulo e Amazonas. Esse acervo pode ser associado a dois contextos culturais:

- grupos de caçadores, coletores e pescadores, que eram nômades e produziram instrumentos de pedra lascada, próprios para caça e trabalhos com couro, e outros tipos de matéria prima, caracterizando o estágio arcaico;
- grupos de horticultores/agricultores, organizados em comunidades sedentárias, marcando o estágio formativo. Confeccionavam recipientes de cerâmica para uso doméstico e sepultamento, e instrumentos líticos utilizados como armas, utensílios ou ferramentas, além de adornos pessoais.

Têm-se como referência datas inferiores a 10.000 anos atrás para o estágio arcaico e 7.000 para o formativo.

III) Malacologia – cerca de 11.200 peças, representando 196 famílias de moluscos, estão expostas, para o deleite dos visitantes.

IV) Etnologia – a primeira coleção etnológica é de procedência Bororo – estes povos se autodenominam “BOE”, *gente*, ou “ORARI-MOGODOGE”, que quer dizer “*moradores da região do peixe pintado*”. Não são agricultores e retiram o sustento de seu próprio habitat. Nesta coleção encontram-se bonecas, furadores de lábios, cachimbos, utensílios de cerâmica, instrumentos igníferos, abanicos, cestos, vestimentas e alpercatas, arco e flecha, tacapes, punhais, anzóis, redes, adornos, instrumentos musicais e urnas funerárias.

A próxima coleção é pertinente ao povo Xavante, que se

autodenomina AÚWE, isto é, *pessoas de verdade, homens de verdade*. Ela é composta de artesanato utilitário (cestas, cerâmica, esteiras, peneiras, pilão, abanicos, cachimbos, cabaças, pentes, tecelagem e enfeites), peças de atividades lúdicas, rituais, de subsistência e vestuário.

Explica-se a elevada quantidade de peças Xavante e Bororo, pelo fato de a Missão Salesiana de Mato Grosso estar atuando junto a estes povos desde que se instalou nesta região, há cem anos. Como a Missão Salesiana se faz presente na Região Norte, configurada em Missão Salesiana do Amazonas, o Museu Dom Bosco também abriga uma coleção referente à civilização do rio Uaupés, que encerra a exposição etnológica.

V) Circundada pela coleção etnológica, acham-se expostas aves, répteis, peixes e anfíbios. Vertebrados taxidermizados configuram um acervo de 2.200 animais, predominantemente brasileiros.

VI) Uma sala especial abriga a coleção de insetos oriundos dos vários continentes, num total de 17000 peças da coleção entomológica, onde se sobressaem as borboletas - lepidópteros, cerca de 8.000.

VII) Mineralogia – com cerca de 783 amostras, a coleção mineralógica contém peças de diversos países como Itália, Zaire, Espanha, Peru, Estados Unidos, Polônia, Zâmbia, México, Marrocos, Escócia, Austrália, Inglaterra, Rússia e França.

VIII) Mamíferos – nos corredores que marcam o final da visita, estão expostos exemplares da coleção de mamíferos que evidenciam formações diferentes, resultantes de combinações de genes que fogem ao padrão dito “normal” de seres vivos.

Assim é o Museu Dom Bosco, que, nos três últimos anos, tem recebido um número anual de visitas em torno de 15.000 (quinze mil) pessoas. Foram 16.187 (dezesesseis mil, cento e oitenta e sete) visitas em 1994, 14.226 (quatorze mil, duzentos e vinte e seis) em 1995, e 14.430 (quatorze mil, quatrocentos e trinta) em 1996. Até o mês de setembro de 1997, o número de visitantes foi de 15.143 (quinze mil, cento e quarenta e três) pessoas, significando considerável aumento em relação à quantidade de visitas efetivadas nos anos anteriores. Aproximadamente 70% (setenta

por cento) deste total correspondem a estudantes da educação básica, do ensino médio e da educação superior (dados estatísticos em anexo).

Necessário se faz citar a mais ilustre visita recebida pelo Museu Dom Bosco: o Papa João Paulo II. Em peregrinação pelas terras brasileiras, Sua Santidade, no ano de 1991, esteve aqui em Campo Grande e pôde conhecer o Museu, cuja existência se tributa ao trabalho e à dedicação dos Salesianos.

São muitos os estudiosos, pesquisadores e personalidades, nacionais e internacionais, que deixam o registro de suas impressões quando em visita ao museu. Entre eles destacam-se:

“Sem qualquer conotação de discriminação geográfica, eu não esperava mesmo encontrar em Campo Grande um museu com tanto material relevante e tão bem cuidado. A parte antropológica, em especial, é impecável. Malacologia, entomologia e antropologia estão fascinantes, bem como os moluscos fósseis. Sei bem que tal se deve ao esforço de alguns abençoados que conhecem o valor de tocar um museu, mesmo com sacrifício. O resultado final, notável, é a grande recompensa. Fiquei pasmo, mesmo. Parabéns!”

Renato Bernile
Herpetólogo - Mus. Hist. Nat. Capão da Imbuia - Curitiba-PR, 13/10/92.

“La visite du Musée nous conforte davantage dans autre confiance em Dieu, en l’Homme”.

Henri Thiassé
Cônsul Geral do Senegal em Brasília-DF, 26/05/93.

“With many thanks for a fascinating and most educational town of your excellent Museum. We will as a result need to read much more about the Indians of Brazil – certainly you have given us new insights – with our best wishes”.

Mary Juek Vanderhall
Cônsul Geral do Canadá, São Paulo.

“É um trabalho genial pela sua grandiosidade cultural e científica. Senti, verdadeiramente, ter visto um pouco mais de minha pátria pela capacidade e pelas mãos dos padres salesianos. Os meus cumprimentos”.

Alfredo B. Keas

Diretor do Museu Campos Gerais - Ponta Grossa-PR, 14/04/93.

“Conociamos el trabajo de Albisetti y de otros padres com los Bororos pero no imaginabámos la magnitud del material reedectado por ellos y la meticulosidade de los apuntes”.

Luis y Blanca Fernandes

Lousanne - Suíça, 02/08/80.

1.2 NÚCLEO DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU DOM BOSCO

Considerando que as áreas de atuação dos museus geralmente abrangem ensino, pesquisa e extensão, a Universidade Católica Dom Bosco criou, em 05/05/97, o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas - NPA, enquanto unidade integrante do Museu Dom Bosco, tendo como objetivos básicos:

- desenvolver pesquisas arqueológicas, constituindo, para tal, dependências laboratoriais e administrativas;
- promover a guarda e curadoria do material arqueológico coletado nas pesquisas;
- incrementar a divulgação científica e a extensão universitária, expondo os resultados das pesquisas desenvolvidas e promovendo intercâmbio com museus e instituições correlatas;
- colaborar na elaboração e execução de projetos gerais do Museu Dom Bosco.

Atualmente, estão sendo elaborados projetos e contratos para a dinamização das pesquisas arqueológicas em Mato Grosso do Sul e, futuramente, em áreas vizinhas.

Assim é o Museu Dom Bosco, que possibilita uma viagem fantástica ao mundo animal e mineral, e não apenas um retorno ao passado. Nele se pode conhecer e estudar animais já extintos e a vida e costumes dos indígenas que habitavam o Centro-Oeste do Brasil antes da colonização, ou que ainda o habitam.

2. MISSÃO SOCIAL

Nos quarenta e seis anos de seu funcionamento, a história do Museu Dom Bosco registra três fases distintas:

- Uma primeira, correspondente ao período de 1951 a 1976, quando esforços foram concentrados na consolidação dos ideais dos Salesianos, que resultaram na criação do Museu Regional Dom Bosco – repertório de referências materiais da cultura primitiva e do habitat do homem brasileiro, conforme consta na ata de sua fundação, aos quatro dias de agosto de 1951:

“Art. 1º O Museu Regional Dom Bosco, com sede na cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso, é uma sociedade civil de caráter cultural e beneficente que visa preservar a cultura indígena, especialmente das tribos do Oeste e Norte do país, promover estudos de etnografia e pesquisas de campo, zelar pela publicação de trabalhos científicos, recolher, classificar e conservar todo material histórico-cultural das tribos indígenas, angariar fundos para a assistência moral e social às citadas tribos, franquear suas coleções e instalações a especialistas e ao povo em geral e colaborar com instituições similares na defesa do patrimônio sócio-cultural e humano do estoque indígena americano”.

- Uma segunda, de 1977 a 1993, sinalizada pelo movimento progressivo de suas atividades, empenhando-se na coleta, análise e classificação de espécies e exemplares nas áreas de arqueologia, malacologia, entomologia, ornitologia, mineralogia, entre outras, tanto da Região Centro-Oeste como do Brasil e do mundo.

Esta fase caracterizou-se pela capacidade de acumular e executar funções, de maximizar seu potencial pedagógico, de lazer coletivo e de reflexão científica.

– Aberto à comunidade, foi sendo por ela descoberto. Tornou-se local obrigatório de visitas por aqueles que passam pela cidade e, sobretudo, por grupos de estudos. Assim, o Museu foi se consolidando como fonte de geração e repasse de conhecimentos, contribuindo para o desenvolvimento social e cultural da região.

– Uma terceira etapa, iniciada em 1993, coincidiu com a fase de transição por que passaram as Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMT na implementação do seu projeto de Universidade. Esta fase de transição, ao mesmo tempo em que preparou a infraestrutura necessária para a futura universidade, fez consolidar uma nova mentalidade acadêmica de pesquisa multidisciplinar relacionada ao acervo do Museu, como efetivação do processo educativo, no que concerne à preservação da cultura e do povo sul-mato-grossense.

Reconhecida em 27 de outubro de 1993, através da Portaria do Ministério da Educação e Desporto - MEC, surgiu a Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, centro de produção de conhecimento, de criatividade e de discussão, em que se destaca a íntima relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão como processo permanente e inacabado de criação e recriação do conhecimento, onde se insere o Museu Dom Bosco.

Para a Universidade Católica Dom Bosco, as atividades desenvolvidas no Museu Dom Bosco são concebidas como contribuição para o aumento da compreensão da natureza, como atividade central de vida e, finalmente, como meio de estudar a realidade brasileira e regional para preservar, no mundo, um ambiente favorável aos seres humanos.

3. DIRETRIZES

Os serviços prestados pelo Museu aos vários segmentos da população evidenciam o caráter comunitário e público da UCDB e têm como objetivo beneficiá-la com o conhecimento produzido e, ao mesmo tempo, provocar a sua retroalimentação, caracterizando esta relação em duas vias: da universidade para a sociedade e vice-versa. Nesta linha de trabalho o Museu tem adotado uma concepção de conhecimento e de ciência, de forma que o conhecimento não seja tratado como algo acabado, datado no tempo e no espaço, mas como produto de investigação e realização de novos estudos que podem rever e transformar as explicações sobre o mundo social e material. Em suas funções acadêmicas interligadas às relações de complementaridade, o Museu Dom Bosco se orienta pelas seguintes diretrizes:

- promoção do desenvolvimento contínuo da atividade de pesquisa na área etnográfica, arqueológica, paleontológica, mineralógica, malacológica e faunística, com vistas à atualização, expansão e conservação do acervo;
- criação e implementação de núcleos integrados de pesquisa como apoio ao ensino de graduação e pós-graduação, contribuindo para o avanço da ciência;
- realização de pesquisas dentro dos parâmetros éticos e científicos;
- esforço continuado de capacitação de pesquisadores, docentes ou não, e envolvimento do alunado;
- alocação contínua de recursos para a pesquisa, aliada à procura sistemática de fontes de financiamento;
- provisão de recursos materiais suficientes em termos de espaço físico e modernização administrativa e organizacional, com a utilização dos meios de informatização que possibilitem um atendimento racional e dinâmico à comunidade;

- divulgação da produção científica como forma de estímulo à cooperação, intercâmbio técnico e interdisciplinaridade, não só em atividades específicas do Museu, mas com outros Museus e instituições de pesquisa.

4. PLANO DIRETOR

Tendo como premissa a dinamicidade do processo permanente e inacabado de criação e recriação do conhecimento, o desenvolvimento das atividades do Museu ocorrem em nível conceitual e operacional.

Em nível conceitual este desenvolvimento dá-se através de mudanças de paradigmas educacionais e advento de utilização de meios tecnológicos avançados e, ainda, mediante a seleção de prioridades de ações sócio-culturais direcionadas para o desenvolvimento regional.

Em nível operacional busca-se a intensificação de trabalhos multidisciplinares envolvendo o ensino, a pesquisa e a extensão de forma vertical e horizontal, concomitantemente. Vertical porque nascidos do projeto pedagógico da Instituição e horizontal porque nascidos nos Departamentos, integrados por professores e alunos das diversas áreas do conhecimento.

4.1 RELAÇÃO PESQUISA/MUSEU

Sem pesquisa, o ensino é mero repasse de informações e o Museu deixa de realizar sua função principal que é contribuir para a produção, divulgação e socialização do saber. É através da pesquisa que se processa a integração entre o acadêmico e o universo social, entre o saber oficial e o herdado e o conhecimento empírico e gerado a partir da realidade.

Muitas atividades ligadas às pesquisas etnográficas e antropoló-

gicas, além das que já foram realizadas pelos missionários Salesianos, continuam o trabalho de ampliação e aprofundamento de estudos nestas e em outras áreas. A existência efetiva de estudiosos e grupos de pesquisa, ao longo dos anos, em torno de temas nucleadores, tem permitido um intercâmbio contínuo entre Museu/Universidade/Comunidade resultando não só na possibilidade de reelaboração do saber, mas, também, na geração de novos conhecimentos.

O reconhecimento do Museu pela comunidade científica e em geral, como uma instituição com um acervo de relevância qualitativa e quantitativa é um objetivo que se concretiza e se vivencia no dia-a-dia do povo sul-mato-grossense.

4.2 RELAÇÃO EXTENSÃO/MUSEU

O Museu Dom Bosco faz da extensão uma característica determinante, procurando integrar e consolidar toda a sua atividade, de modo que ela esteja permanentemente em conexão com a comunidade regional, numa relação de intercâmbio, no qual ele enriquece, ao mesmo tempo em que incentiva o desenvolvimento da comunidade. Assim, procura relacionar-se com a sociedade através das suas linhas de pesquisa, de forma que o conhecimento produzido lhe seja devolvido, tornando-se ponto de circulação de professores, estudantes e comunidade.

Considerando o Museu como bem cultural, a UCDB vem adotando a atitude de “criação de uma cultura” de sua utilização como um centro de difusão cultural.

4.3 RELAÇÃO ENSINO/MUSEU

O Museu Dom Bosco, consciente de seu papel de gerador e disseminador do conhecimento, redefine sua missão e estabelece seu

ideal de instituição voltada para o desenvolvimento. Sob esta ótica, vem trabalhando de forma a garantir qualidade ao ensino, incrementando a pesquisa e agilizando a extensão¹. O essencial é fortalecer a qualidade do ensino numa ação orgânica entre professores, alunos e comunidade, dando-se ênfase ao estudo da realidade apresentada em suas múltiplas dimensões, como meio de intervir, se necessário. O debate entre professores e alunos deve proporcionar ocasião para se verificar os conhecimentos teóricos, submetendo-os à prova dos critérios e dos valores culturais.

5. UMA NOVA CONCEPÇÃO DO MUSEU DOM BOSCO

Para atender seus objetivos ligados ao desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão e levando-se conta o avanço dos meios e instrumentos tecnológicos, o Museu estabelece novos paradigmas de atuação.

Em sua concepção inicial, o Museu Dom Bosco destinou-se a ser o repositório de peças de história natural. Simultaneamente, os salesianos desenvolviam trabalhos com os indígenas Bororo e Xavante, recolhendo seus objetos para estudos e, assim, o Museu tornou-se também repositório de coleções etnológicas, daí ser conhecido como Museu do Índio. Até então, por sua forma de atuação, destinou-se ao atendimento e discreta divulgação de seu acervo.

Hoje, a divulgação de seu acervo e, em conseqüência, do conhecimento, começa a ser feita por meios mais dinâmicos. Como decorrência, o próprio conceito original de museu, como “estoque” de conhecimentos, está sendo questionado por força dos movimentos de globalização e dos avanços da informática. Nesta nova concepção, o Museu Dom Bosco

¹ Aqui o ensino é visto como situação construtiva e significativa, passando de situação de mera reprodução, para a busca do equilíbrio entre esta reprodução e análise que implica: no decompor e recompor; no estabelecer relações entre dados e teorias; no elaborar abstrações; e no produzir interpretações.

pretende que o acesso a seu acervo seja expandido através dos recursos da informática, para possibilitar o intercâmbio de informações e permitir aos interessados o alcance ao conhecimento, de forma ágil e eficiente.

Dentro desta perspectiva o planejamento para uma nova concepção do Museu Dom Bosco tem em conta dois aspectos da realidade:

- primeiro, procurar a manutenção, conservação, catalogação e classificação de espécimes e peças. A coleção de mamíferos, insetos, répteis, anfíbios, peixes e aves necessitam de estudos e de revisão dos objetos, para sua identificação e classificação de forma correta para melhor informação aos visitantes sobre possíveis alterações em sua classificação. É necessária a ampliação do acervo de peças oriundas das nações do Alto Xingu – Bororo e Xavante, para continuidade dos estudos etnológicos;
- segundo, dotar o prédio, onde está instalado o Museu, de uma infra-estrutura física e eletrônica moderna, com vistas à melhoria das condições de atendimento aos usuários e à prestação de serviços com qualidade.

5.1 O MUSEU DOM BOSCO COMO MEMÓRIA

Com 46 anos de existência, o Museu Dom Bosco possui um lastro considerável de serviços prestados ao ensino, à pesquisa e extensão, à UCDB e à comunidade sul-mato-grossense.

Tal a “Arca de Noé”, o Museu Dom Bosco foi coletando novos animais, conservando os antigos, recebendo doações as mais diversas. O acervo de peças indígenas, coletadas pelos Salesianos e conservadas pelo Museu, representam a parte material da cultura desses povos. Este passa a ser importante tanto para toda a nação como para a cultura indígena mundial e não apenas para os remanescentes das tribos – porque desde que contatadas, essas civilizações são destinadas a desaparecer como tais.

Assim, o Museu foi crescendo e hoje ele representa a memória dos povos indígenas e a lembrança de animais que, na certa, estarão extintos muito em breve se não se formar, nas novas gerações, a mentalidade de preservação ambiental e, como conseqüência, da própria vida.

5.2 UM MUSEU PARA O PRÓXIMO MILÊNIO

Às vésperas de se entrar em um novo milênio, necessário se faz replanejar um Museu, para que ele deixe de ser mero repositório passivo de acervos e se torne um agente ativo nas ações educativo-culturais.

Pretende-se que o Museu Dom Bosco desenvolva um trabalho sistemático de preparação para receber “visitas”, ou seja, a maximização qualitativa dos recursos e da sua utilização, para a oferta de serviços personalizados aos usuários, quer individualmente quer em grupos, com vistas a atender a seus interesses específicos. Entre estes serviços destacam-se:

- assessoria na localização do acervo;
- orientações sobre o acervo;
- disponibilidade de dados.

A partir destes serviços, o Museu poderá propiciar ao público exposições de longa duração, com temática voltada para a realidade regional e utilizando peças extraídas do acervo, e exposições temporárias sobre temas ligados às pesquisas.

Como local que, se pretende, estabeleça a incorporação do acervo à cultura, cuidados especiais deverão ser tomados para a criação de um ambiente propício ao estudo, além de lazer. Tais condições se iniciam pela própria dimensão do espaço físico, seu isolamento, conforto, iluminação e acesso.

A instalação de um Núcleo Arqueológico, parte integrante do Museu Dom Bosco, está sendo precedida pela organização de espaços para estudo e guarda do acervo proveniente dos salvamentos arqueológi-

cos e dos projetos sistemáticos de documentação e conservação que representam a salvaguarda do patrimônio.

É necessário que seja intensificada a vinculação acadêmica do Museu com a UCDB e com outras escolas, mediante desenvolvimento, não só de visitas orientadas, mas de planos de estágios nas diversas áreas museológicas que proporcionem aprimoramento profissional para os universitários.

Constitui-se uma das principais metas da Missão Salesiana de Mato Grosso – MSMT, a ser atingida dentro do seu projeto de modernização, vivenciado pela UCDB, a informatização do Museu Dom Bosco. Sendo ele um centro de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão, carece de agilidade na busca das informações e deve oferecer meios adequados para que os usuários sintam-se realmente motivados a utilizá-lo e vê-lo como um instrumento na busca de melhor qualidade no trabalho acadêmico e administrativo.

Para o perfeito atendimento do Museu Dom Bosco às atividades acadêmicas, torna-se necessária a incorporação de sistemas complementares, desenvolvidos por terceiros e administrados pela Instituição, para consolidar o processo de automação. Além desses, outros sistemas e aplicativos deverão ser incorporados para alcançar as metas estabelecidas no Plano Diretor do Museu Dom Bosco.

O processo dinâmico de uso dos recursos e meios tecnológicos está requerendo atualização de todo o corpo administrativo e acadêmico para que se familiarizem com o uso dessas tecnologias, extraindo o máximo desses recursos. Este é o fator fundamental do processo de incorporação da cultura de informática que este Plano Diretor visa implementar.

CONCLUSÃO

Os Museus, hoje em dia, estão sofrendo contínuos desafios não só pela modernização tecnológica como pelas exigências da sociedade sobre o comprometimento com seus problemas. A evolução histórica das instituições museológicas aliada à compreensão atual de que eles, os museus, são responsáveis pela transmissão da herança cultural, têm sido o grande desafio por eles enfrentado. Em decorrência deste fato, os museus têm procurado modernizar-se, redefinindo suas funções e replanejando sua organização.

O mais novo desafio é fazer com que o Museu Dom Bosco incorpore as novas tecnologias de forma a explorar ao máximo suas potencialidades, ao mesmo tempo que não perca sua identidade primeira – centro de produção de conhecimento onde se destaca a íntima relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão como processo contínuo de criação e recriação.

ESTATÍSTICA DE VISITA NO MUSEU DOM BOSCO

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
1979	503	476	176	1594	794	209	626	290	342	356	241	383	5761
1980	788	476	453	3732	448	461	1044	518	546	515	445	397	9823
1981	1006	741	810	1161	790	553	1785	917	733	962	522	529	10509
1982	1015	766	560	1942	525	382	1377	980	596	532	342	524	9541
1983	980	539	412	1005	737	1070	3333	3151	1655	1828	1262	1086	17058
1984	2180	1263	1057	1461	1989	1648	4070	1730	2031	1946	1164	1115	21654
1985	2434	1434	13833	1310	1491	1852	5030	2414	2265	2049	1196	1225	24083
1986	3814	2190	1410	1502	1118	1482	7096	2919	2716	2220	1638	2459	30564
1987	3889	2290	1490	1690	1509	1548	5233	2251	2061	1910	1239	1454	26564
1988	4700	2027	1323	1291	1231	1435	5004	1700	1806	1904	1205	2032	25658
1989	3418	1887	1249	1428	1702	1991	5483	2028	2157	1919	925	1418	25605
1990	2865	1236	887	937	1210	1529	6666	2361	2674	1662	1103	1392	24524
1991	2853	1489	1039	976	998	1068	4229	1595	1370	1163	883	1081	18744
Estudantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4500
1992	2081	1028	981	919	797	985	3412	1286	1355	1335	770	979	15928
Estudantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6200
1993	2069	1054	757	1274	751	790	3990	1378	1467	1541	796	1055	16922
Estudantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6100
1994	2458	1317	701	755	587	721	3411	1356	1794	1137	814	1136	16187
Estudantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7078
1995	2225	971	1008	1004	831	920	2919	1076	1147	915	875	1035	14926
Estudantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6717
1996	2096	984	732	742	1094	848	1749	1307	970	1073	893	942	14430
Estudantes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6913
1997	3091	1512	1022	1321	1624	1035	3343	1331	864	1124	-	-	16267
Estudantes	-	-	1327	2473	1015	495	938	1337	1337	1290	-	-	8875
Total/mês	44465	23451	18777	28517	21241	21022	70800	31526	29886	27381	16315	20242	391131

OBS.: 1) A visita de estudantes é realizada gratuitamente.

2) Nos meses de janeiro, fevereiro, julho e dezembro não ocorrem visitas gratuitas.